



## A METODOLOGIA DE FILOSOFIA E DA ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

PRENDIN, Andrea  
[aprendin@ibest.com.br](mailto:aprendin@ibest.com.br)

Eixo Temático: Didática: Teorias, Metodologias e Práticas.  
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

### Resumo

O ensino de Filosofia apoiado pela metodologia dialógica de uma comunidade de investigação é uma proposta que se interliga a outras áreas do conhecimento. A Arte como linguagem, que apresenta referenciais expressivos, históricos e temáticos, e como conteúdo privilegiado no campo da Estética é associada, assim, ao pensar filosófico. Na metodologia triangular o ensino de Arte estimula a reflexão na apreciação, na compreensão histórica das obras e no próprio fazer artístico. Aproximar o pensar filosófico e o artístico potencializa o desenvolvimento de habilidades de pensamento. O público do Ensino Fundamental tem oportunidade de, utilizando-se, por exemplo, das artes visuais, tornar mais próximos conceitos e habilidades de tradução. E no caminho inverso, esta metodologia dialógica serve como apoio para compreensão da Arte e de seus temas, promovendo a expressão e o pensar criativo. Desenvolver pontes entre Filosofia e Arte não só é possível, como torna mais significativo o processo de ensino-aprendizagem, enriquecendo conteúdos e proporcionando uma apreciação mais ampla, sensível e crítica. Este processo contribui na formação do pensamento multidimensional, nos seus aspectos crítico, criativo e cuidadoso, citados nos fundamentos do Programa Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar. A criatividade, explorada pelos dois principais teóricos que fundamentam esta proposta - Matthew Lipman e Ana Mae Barbosa para o ensino de Filosofia e de Arte, respectivamente –, é percebida como elo integrador entre estas duas áreas do conhecimento. Além disso, a sua percepção como aspecto a ser desenvolvido, em apoio aos demais já sugeridos, reforça a formação ampla do educando. O professor que se utiliza desta relação em sua prática é um profissional que se dispõe a investigar novas possibilidades para o processo pedagógico e que, independentemente de sua formação acadêmica, investiga e acrescenta um diálogo entre saberes à vivência escolar da comunidade em que atua.

**Palavras-chave:** Ensino Fundamental. Filosofia. Arte. Metodologia.

## Introdução

A Filosofia e a Arte possuem origem milenar. A Arte, desde seus registros pré-históricos oferece representações que contemplam a busca por expressão e comunicação. A ideia de beleza, racional, estruturada em conceito, pode ter surgido depois, mas isto não garante que o belo não estivesse presente nas primeiras manifestações artísticas. A Filosofia Ocidental, em seu berço histórico, a Grécia Antiga, propõe deste então, reflexões, fundamentos, temas e perguntas a respeito dos seres, suas vidas, as relações que os envolvem. A própria palavra **filosofia** nos remete a este fértil período da produção de pensamento. No decorrer da história, ambas, Arte e Filosofia, desenvolveram-se como referências do próprio homem, de sua cultura, de sua comunicação, com implicações na formação de sociedades e, conseqüentemente, de indivíduos.

Reconhece-se que, em alguns momentos, correntes artísticas e filosóficas se distanciam, merecendo respeito às suas especificidades. Porém, destaca-se que, em outros momentos, elas se fundem, num campo de relações denominado Estética. A educação, como instituição formalizada no processo ensino-aprendizagem pode utilizar-se destes saberes, em suas especificidades ou relações, propagando-os, questionando-os e refletindo sobre eles.

Metodologias que traduzam estes olhares da Filosofia e da Arte no âmbito da educação formal e, em específico, no Ensino Fundamental, podem aproximar as possibilidades do pensar, construído pelo refletir, e as formas de expressão. Estas duas áreas, distanciadas em alguns momentos, pelo próprio currículo, pela formação dos profissionais e por práticas pedagógicas, possuem afinidades conceituais, e pensadores de educação preocupam-se em uni-las num resgate da formação integral, em parcerias ou propostas interdisciplinares e, utilizando um termo em comum, criativas.

A metodologia do Programa Filosofia para Crianças - Educação para o Pensar, desenvolvida pelo norte-americano Matthew Lipman, vem, desde 1970, preocupando-se com o pensar na Educação Básica. Autor de diversos livros, que fundamentam sua proposta, e de material específico para o desenvolvimento de atividades no Ensino Fundamental, tais como, histórias e materiais de apoio ao professor, formou um grupo que difunde pelo mundo a criação de comunidades de investigação. Estas comunidades se constroem pelo desenvolvimento de habilidades cognitivas (raciocínio, investigação, formação de conceitos, tradução e interpretação), experienciado através do diálogo,

conduzido por um professor mediador e apoiado em estratégias, recursos e temas que integrem o pensar, o educando e o próprio processo de aprender. Este programa auxilia na construção de um pensamento multidimensional, ou seja, crítico, criativo e cuidadoso, e na formação de um indivíduo mais participante da sociedade democrática, autônomo e responsável na busca por melhores condições de vida para si e os demais.

No campo da Arte, a Metodologia Triangular oferece suporte para a educação em Arte, com referência a Ana Mae Barbosa e sua publicação “A Imagem no Ensino da Arte”, da década de oitenta do século XX. Nesta obra, a apreciação, o fazer artístico e a História da Arte são o tripé que orienta da formação e a construção do conhecimento artístico. Esta formação procura garantir uma visão mais ampla do saber em Arte, visto que contempla habilidades expressivas, conceito de cultura e compreensão estética. Nesta metodologia a imagem possui foco estratégico, pois é a partir desta que o processo se desenvolve para as artes visuais. As estratégias exemplificadas em sua proposta utilizam o **diálogo** como elemento importante e estimulam **vivências** que tornem mais significativos os conteúdos específicos apresentados. As atividades assim caminham para uma produção de idéias e a formação de opiniões mais fundamentadas e abertas às demais formas de interpretação, expressão e, conseqüentemente, comunicação criativa. Observa-se, assim, um reforço à participação efetiva do educando na própria aprendizagem.

Ao relacionar estas duas metodologias, propõe-se uma Educação para o Pensar que se utilize da Arte, em especial as artes visuais, como recurso para a problematização filosófica, que seja deflagradora de temas, proponha desenvolvimento de habilidades cognitivas (em especial habilidades de tradução e interpretação), estimule a comunicação e a expressão dos envolvidos no processo. No Ensino de Arte a metodologia da Educação para o Pensar aproxima questões estéticas na apreciação da obra de arte e conduz, através do diálogo, também o desenvolvimento de habilidades cognitivas que reflete-se na formação artística do educando, mas também na potencialização da compreensão do humano inserido no ambiente escolar.

O profissional da educação, para a proposta metodológica sugerida deve, mais do que possuir formação específica nestas áreas do conhecimento, ampliar seu próprio olhar para as questões educacionais que elas envolvem. Toma-se como elemento orientador deste olhar, a imagem e, em especial, a imagem da obra de arte, como recurso já presente em materiais pedagógicos, mesmo que em pequenas quantidades.

Ela potencializa o processo de ensino-aprendizagem, tornando o criar mais significativo, pelo pensar e pelo diálogo, além de enriquecer o próprio pensar.

### **As Metodologias no Ensino Fundamental – Filosofia e Arte**

A aproximação das metodologias do Programa Filosofia para Crianças e Triangular, do ensino de Filosofia e Arte respectivamente, é percebida como possibilidade motivadora no processo de ensino-aprendizagem. Relacionando-se fundamentos e especificidades encontrados em ambas, busca-se uma formação mais significativa aos educandos. O trabalho do professor em sala de aula, tendo estas propostas como fonte de pesquisa e eixo condutor, torna a prática pedagógica um desafio e uma reflexão constante.

### **Programa Filosofia para Crianças - Educação para o Pensar**

A concepção metodológica de Lipman propõe a prática do filosofar com crianças e jovens, na tentativa de aprimorar o pensamento, não só no aprendizado escolar, mas também na emissão de juízos e na vida de seus participantes. Para a elaboração do Programa Filosofia para Crianças, esta concepção fundamentou-se nas reflexões de alguns filósofos, ao longo da História da Filosofia. Destaca-se a contribuição de Sócrates, pela sua prática dialógica e pela preocupação com o ensino de Filosofia aos jovens. Em relação ao ambiente do filosofar, os termos ‘comunidade’ e ‘investigação’ remetem a Pierce. Há também as influências da concepção de diálogo genuíno de Martin Buber e de Dewey, que concebe a educação como processo contínuo de reorganização, recriação e reconstrução, com finalidade de transformação enriquecedora da experiência do educando.

Lipman estrutura sua proposta, aproximando crianças e filósofos quanto à capacidade para o deslumbramento e na visão do pensar como habilidade. Neste ponto pode-se citar o próprio autor:

O pensar é natural mas também pode ser considerado uma habilidade passível de ser aperfeiçoada. Existem maneiras de pensar mais eficientes e outras menos eficientes. Podemos dizer isso com certeza porque temos critérios que nos permitem distinguir o pensamento habilidoso do pensamento inábil. (...) O objetivo de um programa de habilidades de pensamento não é transformar as crianças em filósofos, em tomadoras de decisões, mas ajudá-las a pensar mais, ajudá-las a serem indivíduos mais reflexivos, ajudá-las a terem mais consideração e serem mais razoáveis. As crianças que forem ajudadas a serem mais criteriosas não só têm um senso melhor de quando devem agir mas também de quando não devem fazê-lo (LIPMAN, 1994, p.34 e 35).

Seguindo na apresentação dos fundamentos, a realização do diálogo é um ponto central, como elemento básico da linguagem que “capacita as pessoas a engajarem-se tanto em reflexão quanto em comunicação; faz a mediação entre as pessoas e o mundo” nas palavras de Sharp e Splitter em **Uma nova Educação**, 2001. Estes são autores que também contribuem com o programa, sendo que Sharp é inclusive co-autora em obras de Lipman. Na referida obra, são colocadas algumas condições necessárias para este diálogo desejado: foco em uma problemática, que seja auto-reguladora e autocorretiva, igualitária e guiada pelo interesse mútuo. Neste ponto é necessário descrever o ambiente que forma este tipo de diálogo, a comunidade de investigação. Evocando cooperação, cuidado, confiança e a busca investigativa, que pode ser tanto criativa quanto crítica e se envolve pelo que é intrigante, uma comunidade de investigação se apresenta preferencialmente com seus integrantes em círculo. Esta forma circular de acomodação facilita as dimensões sociais da comunidade de investigação onde, o ver e o ouvir entre seus participantes tornam-se mais acessíveis e integram inclusive o professor como um de seus membros.

O professor que participa desta comunidade de investigação é um mediador que facilita o comportamento filosófico “auto-retraído filosoficamente (sempre atento ao risco de fazer doutrinação inconscientemente) e, contudo, pedagogicamente forte (sempre promovendo o debate entre as crianças e as encorajando a seguir a investigação na direção que ele aponta)” (Lipman, 1990, p.207). A mediação é presença do professor que se propõe a:

- acompanhar todos os raciocínios,
- ordenar as falas,
- alimentar a discussão com novas perguntas,
- solicitar exemplos para clarear opiniões,
- questionar pensamentos confusos e incompletos,

- apresentar contra-exemplos para ampliar pontos de vista,
- manter a turma concentrada no que está sendo dito e no tema que está sendo trabalhado,
- garantir que todos os participantes da comunidade compartilhem regras que lhes permitam voz e vez.

Sendo assim o mediador é referência para que, aos poucos, os próprios alunos sejam capazes destes posicionamentos na comunidade. Nestas condições de uma aula dialógica, a opinião do professor sobre o assunto é uma questão que não aparece. O mediador constrói com os alunos a reflexão, e desenvolve, a partir dos pensamentos dos alunos, um “novo” pensamento.

Visando criar condições para um “pensar bem”, diferenciado de um pensar que não seja adequado, compreensível, coerente, correto, etc., o mediador se apóia em grupos específicos de habilidades cognitivas ou de pensamento. Habilidades de Investigação (observar, levantar questões, sintetizar, concluir, criar e explorar alternativas, perguntar e problematizar, entre outras), de Raciocínio (comparar, contrastar, definir, aplicar e avaliar critérios, justificar, entre outras), de Formação de Conceitos (classificar, generalizar, definir, entre outras) e de Interpretação e Tradução (narrar, ter empatia, respeitar, dialogar, entre outras). Nestes conjuntos, as habilidades funcionam como parceiras umas das outras, garantindo que os diálogos filosóficos, na comunidade de investigação, não sejam meros exercícios repetitivos sobre um aspecto ou tema. Neste contexto, é importante salientar a habilidade de perguntar. A pergunta é motivadora de investigação e pode-se dizer “multifuncional”, permeando o diálogo constantemente, quer seja partindo do mediador, dos alunos, ou de planos de discussão já elaborados. Perguntar torna-se o estímulo ao aprofundamento, ao autocorrigir-se, alimenta as discussões. A pergunta torna-se, inclusive, um tema a ser investigado, em encaminhamentos como: ‘Que tipo de pergunta é a melhor para a comunidade de investigação?’, ‘O que é uma pergunta?’, ‘Perguntas são importantes?’. Fortalecer sua compreensão reforça o encantamento diante do mundo e o próprio conceito de filosofar.

O “pensar bem”, desenvolvido pelas habilidades cognitivas, combina então os aspectos crítico, criativo e cuidadoso. O conjunto destes aspectos revela um pensamento complexo, multidimensional. O crítico, governado por critérios e regras, é questionador e deliberativo. O criativo busca produzir juízos expressivos e transcendentais a si mesmo, ainda que utilize critérios, é inventivo, inovador, maiêutico, independente e

dialético. O cuidadoso evidencia a empatia, aplica valores no próprio pensar, é ativo e afetivo.

A partir destes pressupostos e fundamentos, a metodologia organizou-se no Brasil, de forma mais prática, numa sequência de etapas, sugerida a partir de experiências das diversas instituições divulgadoras do Programa. A ordenação desta sequência pode ser descrita como roteiro para uma aula, mas é importante frisar que, embora exista um eixo condutor do trabalho, a aula não é uma mera passagem de um momento ao outro. Cada atividade possui uma função própria, além de ser preparatória em relação à seguinte.

A atividade inicial é motivadora, apresenta ideias sobre um tema, busca desestruturar um conceito prévio que será re-elaborado em seguida. A leitura, que em Lipman possui repertório específico, situa-se na interação com a linguagem e traz referências ao diálogo entre crianças. Com a leitura, identificam-se temas e, a partir dela, ocorre a problematização, etapa seguinte, que se constrói com a percepção dos alunos sobre o que é importante, relevante e significativo para ser discutido. As perguntas então, movem a discussão, para a qual todas as outras etapas anteriores visam conduzir. A discussão filosófica é um diálogo criterioso, no qual, a mediação do professor é mais dedicada, a participação dos alunos é mais estimulada e o pensar mais reflexivo, argumentado, exemplificado. Finalmente, realiza-se uma avaliação, de forma metacognitiva, estimulando a reflexão, ou ainda podendo exercitar habilidades de relação. Neste momento, os alunos podem avaliar etapas ou critérios da comunidade de investigação tais como: aprofundamento das questões, clareza na formulação de um conceito, participação ou cumprimento das regras.

Considerando-se diversos relatos de experiências com este Programa e suas etapas, pode-se destacar o encantamento gerado em profissionais que com ele tiveram a oportunidade de trabalhar. Isso demonstra que ele é um estímulo ao ensinar e ao aprender.

O Programa apresentado pode suscitar mais explanações e justificativas sobre sua proposta, mas neste material consideramos seus aspectos principais e os que possibilitam a relação com a metodologia descrita a seguir.

### **Metodologia Triangular**

Ana Mae Barbosa reivindicou que a Arte - como referência cultural e produção da humanidade, no conjunto de obras, artistas, movimentos artísticos – fosse considerada um conteúdo e, ao mesmo tempo, uma estratégia para uma educação mais voltada à formação artística do indivíduo. Dessa forma, encaminhou sua pesquisa sobre o ensino da Arte para uma nova proposta metodológica.

Como referência à sua metodologia no Brasil, Barbosa apoiou-se em um movimento que aconteceu no México, no início do século XX, seguindo a orientação de Best Maugard. Este “pretendia, através do ensino da arte, levar a uma leitura dos padrões estéticos da arte mexicana que aliada à história destes padrões e ao fazer artístico recuperariam a consciência cultural e política do povo” (BARBOSA, 1996, p. 36). O Método Comparativo de Edmund Feldman que se preocupa com o ato de ver e o Método de Multipropósito de Robert Saunders que valoriza o contato com obras de arte em seus originais ou reproduções são outras fontes para o trabalho pedagógico com Arte. As reflexões e pesquisas convergiram para a implantação da metodologia no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e pela experiência, validaram-na para divulgação em diversas instituições de ensino.

Para Barbosa, o ensino da Arte deve integrar a História da Arte, o fazer artístico, e a leitura da obra de arte. A História da Arte independe de uma seqüência cronológica busca, eliminando a subjetividade, ser capaz de apresentar critérios de classificação de estilo, de expressão e de relações sociais. Valores ali presentes podem ser compreendidos e revistos, pois a História não possui significação em si mesma. O conhecimento histórico torna-se instrumento de significação quando associado à apreciação. Reforçando o significado de apreciar dentro do contexto da Arte, ele deve ser entendido na junção dos termos admiração e entendimento. “A ideia de apreciação como possibilidade de ler, analisar e até reconhecer a obra (...)” (BARBOSA, 1996, p. 36). O fazer artístico, com sua problemática trazida pela contemporaneidade, incorporou a prática de forma mais aberta e flexível, podendo estar mais vinculada ao pensar do que à necessidade de um “produto final” na sua concepção. Barbosa coloca:



Flexibilidade, fluência, elaboração, todos estes processos mentais envolvidos na criatividade são mobilizados no ato de decodificação da obra de arte. Aliás as próprias teorias da criatividade, ainda nos anos sessenta, defendiam a necessidade do desenvolvimento da capacidade criadora, propondo que o objeto criado fosse analisado em função de critérios bem definidos. Samuel Messick e Philip Jackson, por exemplo, propunham que diante do objeto inquiríssemos se ele representava uma resposta estética: surpresa, satisfação, estimulação e *saboreo*. (BARBOSA, 1996, p.41 e 42).

A imagem da obra de arte entra neste contexto, não só como foco de um conhecimento artístico, mas também como elemento de alfabetização visual. A ideia de leitura de imagem é construir uma metalinguagem. Na introdução da obra já citada de Barbosa, Evelyn Berg, então superintendente do Projeto Cultural Iochpe que abraçou a proposta da Metodologia Triangular, cita uma de suas falas em uma reunião: “... o conceito de arte está ligado à cognição; o conceito de fazer arte está ligado à construção e o conceito de pensamento visual está ligado à construção do pensamento a partir da imagem” (BARBOSA, 1996, p. XIV). A imagem como representação, presente na sociedade é passível de maior compreensão e sentido se a prática de reflexão, observação, julgamento, análise e produção se tornarem frequentes e naturais, mais próximas ao ato de ver.

### **Aproximando o Programa Filosofia para Crianças – Educação para o Pensar e a Metodologia Triangular**

O olhar do professor para a associação das metodologias é condição para uma proposta mais ampla, seja de forma conceitual ou prática. É relevante perceber no que já foi apresentado que a criatividade é um dos conceitos básicos nesta aproximação. Além de aspecto explicitado no pensamento multidimensional, Lipman coloca que:

Talvez seja suficiente sugerir que o ‘raciocínio ampliativo’ é o termo médio entre fazer filosofia e exibir criatividade. Na medida em que as crianças são proficientes em raciocínio ampliativo, isto seria uma boa base para suspeitar que, dada a oportunidade para fazer filosofia, elas a fariam de modo criativo (LIPMAN, 1990, p.205).

A associação do pensamento, da cognição com a criatividade e a Arte também é forte para Barbosa:

O importante não é ensinar estética, história e crítica da arte, mas, desenvolver a capacidade de formular hipóteses, julgar, justificar e contextualizar julgamentos acerca de imagens e de arte. Para isso usa-se conhecimentos da história, de estética e de crítica de arte (BARBOSA, 1996, p.64).

Concordando-se com estes autores, a proposta de associar estas metodologias encontra caminho para elaborar estratégias que conduzam a prática educativa com atividades reflexivas e artísticas. A imagem da obra de arte é o meio expressivo e importante motivador.

A fim de ilustrar a proposta de relação entre as metodologias apresentadas, segue-se um conjunto de planos de discussão que procuram abranger as parcerias entre disciplinas e as etapas de aulas de Filosofia e Artes. A pergunta, como problematização, marca uma possível interlocução com alunos do Ensino Fundamental, porém esta exemplificação não estipula um ano escolar em específico, sendo que adequações de vocabulário, conteúdo específico e quantidade de questões devem ser levados em conta na transposição desta seqüência para sua execução em sala de aula.

A ilustração 1, imagem da obra “A Árvore da Vida” de Gustav Klimt será tomada como base para a exemplificação. Além disso, sugere-se a formação de um círculo entre os alunos, fácil acesso à visualização da imagem e acompanhados por um mediador. O trabalho propõe leituras conotativa e denotativa da imagem, apreciação, considerações da História da Arte e estéticas, abrindo espaço para outras disciplinas curriculares (ciências, geografia, história), contemplando seu uso nas diversas etapas de uma aula de Filosofia e sugerindo leituras que possam aprofundar um dos temas retirados dos planos de discussão. A seqüência apresentará números para as perguntas, formando grupos por proximidade, os quais poderão ser utilizados segundo critérios do mediador.



Ilustração 1 - KLIMT, Gustav. “A Árvore da Vida”, 1905-09.

Fonte: NÉRET, Gilles. *Klimt*. Tashen, 2000.

Para a imagem de obra de arte observada:

### **Plano de discussão 1.**

- O que se vê?
- Quais as cores, as formas, os elementos mais marcantes?
- Os elementos, cores e formas usados causam alguma sensação? Qual?
- Como esta obra foi feita?
- O que a obra representa?
- A imagem pode ser comparada a outras formas, a outras obras?
- É possível perceber a intenção do artista?
- Como outros artistas fariam uma obra sobre o mesmo assunto?
- É possível imaginar em que lugar essa árvore existiria?
- Existem elementos na obra que fazem lembrar de outras coisas além da própria imagem?
- A imagem pode ser considerada um símbolo?
- O que é símbolo?
- O que é imagem?
- A imagem da “Árvore da Vida” é, interessante, agradável, equilibrada, perfeita, bela?

### **Plano de discussão 2.**

- Sabendo-se do título da obra, o que se pode dizer?
- Que outro título poderia ser dado à obra?

- Sabendo-se da data da produção da obra, como seria uma “Árvore da Vida” atual?

- Como seria a sua árvore da vida?

- Esta obra poderia ter uma história? Qual?

- Que palavras (temas) podem ser sugeridas pela imagem?

- Que perguntas podem surgir sobre o que a imagem faz pensar?

- Sendo apresentada uma história, por exemplo, “Casaco de Passarinho”, pequeno conto de Diléa Frate em **Histórias para Acordar** que ilustra a convivência harmoniosa entre uma árvore e passarinhos ou a história folclórica e de domínio público entre o pinheiro araucária e a gralha azul na região da mata dos pinhais no estado do Paraná; que semelhanças e diferenças podem-se perceber entre a imagem e a história?

### **Plano de discussão 3.**

- Em sua opinião esta árvore possui vida?

- Qual a relação entre árvore e vida?

- Todas as árvores possuem relação com a vida?

- A vida se relaciona com outras coisas, outros seres?

### **Plano de discussão 4.**

- Onde se encontra vida?

- Porque existe vida?

- A vida é sempre a mesma?

- O que é vida?

- Como se pode expressar a compreensão da vida?

### **Plano de discussão 5.**

Para finalizar e com objetivo de avaliar a atividade (meta-cognição) explorando relações da imagem com a vivência:

- Qual parte da imagem pode representar como é o pensamento?

- Compartilhar opiniões na comunidade de investigação aproxima-se simbolicamente de que parte de uma árvore?

O diálogo filosófico, constituído a partir da discussão que utilize os planos de discussão apresentados, conduz a reflexão através de diversas habilidades. A fala dos alunos, no desenrolar de um destes planos, pode mudar a questão seguinte, portanto a postura do mediador é fundamental para a caracterização desta proposta como investigativa. Os planos aqui sugeridos não se esgotam nas questões apresentadas, e aparecem de um olhar pessoal para um maior aprofundamento, de questões

interpretativas para filosóficas, através da sequência numérica em que estão dispostos.

Entre as habilidades é possível ressaltar o ‘conceituar’ principalmente nas questões que são iniciadas por ‘o que é’. Formular conceitos é levar em conta o que se construiu no diálogo, mas não encará-lo como absoluto e sim compreendê-lo como o entendimento possível naquele momento. Algumas questões podem sugerir o uso de materiais, por exemplo, recursos plásticos, para realizar a questão e assim abrem espaço para outras formas de expressão do pensamento.

Nestes momentos o significativo do conhecimento filosófico e artístico é integrado e mais estimulado. A proposta ilustrada demonstra, então, o elo entre estas duas áreas do conhecimento e que para o ensino-aprendizagem esta parceria reforça a formação ampla do educando.

### **Considerações Finais**

O Programa Filosofia para Crianças e Metodologia Triangular oferecem embasamento para a prática pedagógica dialógica, investigativa, reflexiva nas áreas de Filosofia e Artes. A associação entre as metodologias propicia parcerias nas disciplinas curriculares reforçando-as nas abordagens, estratégias e recursos e conduzindo para o aprimoramento de habilidades de pensamento. O pensar sobre o pensar é potencializado tornando-o melhor, no sentido de mais complexo. Esta complexidade observada nos aspectos crítico, criativo e cuidadoso confere ao educando do Ensino Fundamental uma possibilidade de envolvimento com a própria aprendizagem e sua significância, no que diz respeito ao conteúdo abordado e também no que confere mais sentido para si mesmo. A imagem de obra de arte é introduzida para desenvolver a exploração reflexiva pelas metodologias e deflagrar o processo criativo. Observar a criatividade do pensar, estimulá-lo, não isoladamente e sim interligado ao conjunto de ações e fundamentos essenciais para isto, estende o investigar filosófico para outras disciplinas e para as vivências do indivíduo. A leitura das mais variadas formas de imagem também serão atingidas na medida em que o pensar em Arte tornar-se mais incorporado ao pensar cotidiano. O mediador tem oportunidade de contribuir para um olhar diferenciado do mundo, de suas expressões, relações, e atuar de forma positiva nas situações onde está inserido. A educação como um todo tende a crescer na relação professor-aluno, na visão de sistemas de ensino e no que se considera conhecimento enquanto se pesquisa sobre o pensar. Na medida em que seus profissionais se propõem a refletir sobre sua prática, a

buscar fundamentos, metodologias, propostas que traduzam uma expectativa de qualificação, vê-se que a Filosofia e a Arte têm muito a contribuir. Questionar talvez, seja o primeiro passo, mas as repostas encontradas devem prolongar a reflexão e o aprofundamento. Dentre as respostas pensa-se que unir ‘o belo’ e ‘o pensamento’ é um caminho com elementos de extrema riqueza e condições para uma educação pautada em valores universais e em constante renovação.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- COSTA, Cristina. **Questões de Arte**. São Paulo: Moderna, 1999.
- FRATE, Diléa. **Histórias para Acordar**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.
- KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para Crianças**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LIPMAN, Matthew. **Filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Natasha**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia na Escola: o prazer da reflexão**. São Paulo: Moderna, 2004.
- NÉRET, Gilles. **Klimt**. Taschen, 2000.
- NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo: Ática, 2002.
- SPLITTER, Laurence.; SHARP, Ann Margaret. **Uma nova educação: a comunidade de investigação em sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.